

Bullying, cidadania e internet

Acabo de ler um livro chamado “Todos contra Dante”, escrito por Luis Dill. O que encanta em sua leitura, é o viés jornalístico com que o autor trata um tema delicado como o bullying. Um tema cada vez mais candente em todas as comunidades, escolares ou não, que desejem compreender as múltiplas formas de agressão por onde passam crianças e adolescentes. Entregues a uma cultura que legitima a agressão banal, sofrem todo o tipo de preconceito. O bullying não escolhe classe social. Chega de muitas formas. Construído em comunidades que se escondem no anonimato, invadem a privacidade de pessoas indefesas. A história do livro não cita em nenhum momento a palavra bullying. Isso é provocação didática do autor.

Dante, o personagem central do livro, chega pela primeira vez em sua escola. Nascido num bairro pobre, teve a ousadia de ler a Divina Comédia de Dante Alighieri. A classe social e sua aparência viram o combustível para o riso dos colegas. A perseguição se torna implacável, ganhando corpo no ciberespaço, onde passa a ser ridicularizado e hostilizado por inúmeros adolescentes protegidos pelo confortável anonimato de uma comunidade na internet. Baseado em fatos reais, torna a brincadeira, tido por muitos como coisas de adolescentes, um final trágico. A literatura sobre o tema do bullying está recheada de fatos que devem merecer, de todos nós, a atenção que merece.

Nosso faz de conta que não temos nada a ver com isso, joga na vida diária um cenário de barbárie e banalização. Comunidades juvenis, de qualquer extrato social, incorporam a linguagem de gangs que comandam o agir de seus pares. A Direção da escola onde estuda Dante, recebe uma abaixo assinado solicitando que a “koisafeia” seja excluída da escola sobre o pretexto de ser pessoa dotada dos mais altos padrões culturais e educacionais. Esse aluno não fará falta a escola. Caso sua mensalidade não esteja em dia, os abaixo assinados se comprometem a se cotizar para cobrir esse valor, oriundo da expulsão do “koisafeia”. Tudo se consome no assassinato de Dante, ficção e vida real.

O fato real que motivou o livro é o assassinato de uma adolescente perto da escola onde estudava. O livro segue relatando a conduta anônima de uma comunidade de adolescentes, que planejam, passo a passo, o que fazer com a “koisafeia”. Linguagens codificadas ensinam como agem as gangs no ciberespaços que dispõem. O autor é didático ao nos remeter para dentro da linguagem da internet e violência.

Luis Dill, respondendo a vários educadores, pergunta: para onde vamos? A resposta mais simples poderia ser de que não há luz no fim do túnel. Essa é uma geração fadada a ser sugada pela própria cultura da banalidade que gerou. Essa constatação nos satisfaz? Se a resposta é sim, perdemos o rumo do que seja educação. Uma palavra que pode soar como vazia. O autor é instigante quando desafia que é preciso leitura. Ler a realidade e estabelecer políticas que envolvam a responsabilidade do Estado, da escola e da família, tarefa de todos nós. A tragédia do “koisafeia” está mais perto de nós do que imaginamos. Prefiro acreditar nessa atitude permanente de inquietude. Leiam o livro e transponham essa história para nossas comunidades. É hora de ler, refletir e agir.

Carlos Alberto Barcellos
Professor